



AULA DE CAMPO: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR VIVENCIADA NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DO IFRN

Heriberto Silva Nunes Bezerra¹

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9666-3436>

George Luiz Carneiro Dantas²

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5768-531X>

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a importância da prática da aula de campo, como estratégia de ensino-aprendizagem interdisciplinar, a fim de contribuir no processo formativo de graduandos do curso de Licenciatura em Geografia do IFRN - Campus Natal Central, além de relatar experiência vivenciada por meio de aulas de campo durante o 5º período do curso. Deste modo, adotamos como percurso metodológico, a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, averiguando estudos de teóricos de debate sobre ensino-aprendizagem, interdisciplinaridade e aula de campo, tais como: Sacristàn e Gomez (1998), Zanelli (2002) Freire (2003) e Saviani (2003). Ainda, utilizamos da metodologia da observação participante, o que nos permitiu compartilhar percepções e observações apreendidas, através da aula de campo realizada em 2018 na Comunidade Quilombola de Capoeiras dos Negros - RN. Como resultados da pesquisa, constatamos que as aulas de campos são excelentes oportunidades de desenvolver o ensino-aprendizagem interdisciplinar, configurando-se ainda, como um elemento essencial para a formação de graduandos em Geografia por possibilitar a apreensão de conceitos geográficos, de Espaço Agrário, Território e Paisagem, aplicados e compreendidos *in loco*.

Palavras-chave: Aula de campo. Ensino-aprendizagem. Interdisciplinaridade.

1

FIELD CLASSES: AN INTERDISCIPLINARY TEACHING-LEARNING STRATEGY EXPERIENCED IN THE IFRN GEOGRAPHY LICENSE COURSE

ABSTRACT

This study aims to analyze the importance of the practice of field classes, as an interdisciplinary teaching-learning strategy, in order to contribute to the formative process of undergraduate students in the Geography Degree course at IFRN - Campus Natal Central, in addition to reporting the experience lived by field classes during the 5th term of the course. Thus, we adopted as a methodological path, bibliographic research of a qualitative nature, investigating

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP/IFRN). Professor de Matemática do SESI Escola, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: heribertobezerra@m.sesi.org.br.

² Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Professor de Geografia pelo Portal Educar (SIGLA), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: georgedantas92@gmail.com.

studies by debate theorists on teaching-learning, interdisciplinarity and field classes, such as: Sacristàn e Gomez (1998), Zanelli (2002), Freire (2003) and Saviani (2003). Still, we used the participant observation methodology, which allowed us to share perceptions and apprehended observations, through the field class held in 2018 in the Quilombola Community of Capoeiras dos Negros - RN. As a result of the research, we found that the field classes are excellent opportunities to develop interdisciplinary teaching-learning, still being an essential element for the formation of grandchildren in Geography because it allows the apprehension of geographical concepts, of agrarian space, territory, and landscape, applied and understood in loco.

Keywords: Field class. Teaching-learning. Interdisciplinarity.

CLASE DE CAMPO: UNA ESTRATEGIA INTERDISCIPLINARIA DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE EXPERIMENTADA EN EL CURSO DE LICENCIA DE GEOGRAFÍA DE IFRN

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la importancia de la práctica de las clases de campo, como estrategia de enseñanza-aprendizaje interdisciplinaria, para contribuir al proceso de formación de los estudiantes de pregrado en la carrera de Licenciatura en Geografía de la IFRN - Campus Natal Central, además de informar sobre las clases de campo de experiencia durante el 5º trimestre del curso. De esta manera, se adoptó como camino metodológico, la investigación bibliográfica de carácter cualitativo, investigando estudios de teóricos del debate sobre enseñanza-aprendizaje, interdisciplinaria y clases de campo, tales como: Sacristàn y Gomez (1998), Zanelli (2002) Freire (2003).) y Saviani (2003). Aún así, utilizamos la metodología de observación participante, que nos permitió compartir percepciones y observaciones apprehendidas, a través de la clase de campo realizada en 2018 en la Comunidad Quilombola de Capoeiras dos Negros - RN. Como resultado de la investigación, encontramos que las clases de campo son excelentes oportunidades para desarrollar la enseñanza y el aprendizaje interdisciplinario, y siguen siendo un elemento fundamental para la formación de estudiantes de pregrado en Geografía, ya que permite la aprehensión de conceptos geográficos, de Espacio Agrario, Territorio y paisaje, aplicado y entendido in loco.

Palabras clave: Clase de campo. Enseñanza-aprendizaje. Interdisciplinaria.

INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, é antiga a discussão acerca da importância de um fazer pedagógico que estabeleça conexão com os educandos. Nos cursos superiores de Geografia não é diferente, tendo em vista que é constante a busca em prol de uma educação que contribua para a formação dos licenciandos, por meio dos conteúdos lecionados em sala de aula, tornando-a significativa.

Nesse sentido, muitas são as metodologias de ensino e práticas pedagógicas sugeridas e apresentadas em seminários e em trabalhos científicos, a fim de alcançar esse objetivo, transformando a antiga rotina escolar, conhecida por suas atividades tradicionalistas, em um espaço educativo mais dinâmico, participativo e criativo, o qual, possibilita o desenvolvimento do raciocínio lógico, da criticidade e da autonomia, elementos fundamentais para a formação do estudante do curso de

Licenciatura em Geografia.

Diante desse contexto, durante a graduação em Licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), câmpus Natal-Central, observamos que a escola, como também as instituições de ensino superior, desempenham importante papel como lugar essencial para a construção dos saberes e desenvolvimento da coletividade, “[...] a espécie humana elabora instrumentos, artefatos, costumes, normas, códigos de comunicação e convivência como mecanismos para sobrevivência dos grupos e da espécie”, (SACRISTÁN E GÓMEZ, 1998, p. 13).

Percebemos também, a necessidade do contínuo incentivo às metodologias de ensino e práticas pedagógicas que contribuam para a aprendizagem significativa, as quais, tendem a ampliar as percepções de mundo do estudante. Freire (2003) afirma que o educador, por meio de suas práticas, constrói caminhos que possibilitam aos educandos apreenderem o conhecimento e desenvolverem a autonomia, tornando-se protagonistas de suas aprendizagens.

Deste modo, uma estratégia de ensino-aprendizagem que permite ao educando inserir-se em um contexto socioambiental, principalmente, sob o viés da abordagem interdisciplinar, é a aula de campo. Essa estratégia de ensino-aprendizagem auxilia o professor de Geografia a proporcionar um ensino significativo, permitindo ao educando uma interação com a realidade, o que contribui para a construção do conhecimento por unir teoria e prática.

Contudo, não é fácil a prática da aula de campo, pois um dos empecilhos deve-se aos recursos financeiros que muitas vezes são limitados, a falta de disponibilidade do professor e/ou dos estudantes em viajarem para um determinado lugar em virtude de inúmeros afazeres e/ou outras obrigações familiares. Entretanto, há a possibilidade de realizar aulas de campo próximas à instituição de ensino e/ou utilizar o ônibus da linha comercial como meio de transporte para o deslocamento. O fato é que, para haver uma aula de campo, precisa-se de planejamento.

Nesse contexto, apresentamos as questões que norteiam a pesquisa, a saber: *quais os benefícios cognitivos e educacionais advindos da utilização da aula de campo? Como ela pode ser aplicada no curso de Licenciatura em Geografia de forma a propiciar uma prática pedagógica mais interativa e interdisciplinar que contribua com a formação dos graduandos e promova a inserção com o meio social e ambiental?*

Destarte, este artigo tem o objetivo de analisar a importância da prática da aula de campo, como estratégia de ensino-aprendizagem interdisciplinar no curso de Licenciatura em Geografia do IFRN, câmpus Natal-Central. Além disso, busca investigar os possíveis benefícios educacionais e cognitivos inerentes da sua utilização,

e finalmente, relatar experiência vivenciada em 2018, durante o 5º período do curso, na qual fomos conhecer e observar as características culturais, as atividades educativas e profissionais da Comunidade Quilombola de Capoeiras dos Negros (RN).

Confiamos que esta pesquisa irá colaborar com futuros e atuais educadores, sejam do Ensino Superior, sejam da Educação Básica, permitindo-os refletir sobre suas metodologias de ensino e práticas pedagógicas. Além de possibilitar à comunidade escolar o conhecimento e/ou aprofundamento científico a respeito da prática da aula de campo, no Curso de Licenciatura em Geografia do IFRN.

Diante do exposto, este estudo encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro momento, apresentamos a introdução, na qual contém as questões norteadoras, objetivos e justificativas da pesquisa. Em seguida, discutimos a importância da aula de campo como estratégia de ensino-aprendizagem interdisciplinar no Ensino Superior de Geografia à luz de estudos teóricos. Adiante, destacamos o percurso metodológico e posteriormente, relatamos a experiência vivenciada na Comunidade Quilombola de Capoeiras dos Negros - RN em 2018. Por fim, tecemos as considerações finais.

AULA DE CAMPO: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR PARA A APREENSÃO DE CONCEITOS DA GEOGRAFIA

4

Talvez um dos maiores desafios, no âmbito da Educação, seja a tentativa do distanciamento na persistência em aulas metódicas, estruturadas e expositivas que são focadas apenas no livro didático e sua sequência lógica. Estas atividades tradicionalistas e tecnicistas muitas vezes são mais fáceis de seguir, visto que são práticas que já estão enraizadas nas concepções educacionais de muitos professores. Contudo, ao persistir no uso destas práticas, o educador, mesmo sem perceber, inibe a participação do educando em sala de aula, além de colaborar para o desinteresse pela aprendizagem.

Acreditamos que é preciso um ensino-aprendizagem significativo que traga ao educando valor formativo. Desse modo, segundo Bordenave e Pereira (2015), o professor não deve limitar-se ao uso de livros didáticos, mas adotar outros recursos que proporcionem ao estudante novas experiências, as quais produzirão novas percepções sobre o objeto de estudo e modificações em sua vida. Logo, é importante o professor utilizar estratégias de ensino-aprendizagem que contribuam para a formação intelectual, social e crítica do aluno.

Dessa forma, Bordenave e Pereira (2015) defendem que tal procedimento requer do professor planejamento prévio na condução do conteúdo que será trabalhado com os alunos para que eles se sintam parte do processo e estejam

envolvidos, visto que a proposta é descobrir, identificar e reformular conceitos, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem.

O ensino da Geografia aborda diversos temas sociais, faz parte da área de conhecimento que contempla as Ciências Humanas e tem como um de seus objetos de estudo, o homem em suas relações com o espaço geográfico. De acordo com Penteado (2010), a Geografia é uma disciplina que compreende tanto as características do espaço natural em que o homem habita como as formas de ocupação e uso desse espaço. Então, de acordo com a autora, a Geografia, como as Ciências Humanas, são necessárias para o ajustamento, isto é, processo de ação, reação e transformação do meio social a que pertence o educando.

Nessa vertente, conforme Penteado (2010), a Geografia colabora na formação de um cidadão crítico, porque contribui para que ele possa perceber a sociedade em que vive, a si como agente social e entender o sentido dos processos responsáveis por influenciar e orientar a sociedade. Assim, em sala de aula, a Geografia precisa ser utilizada como estudo da vida do homem, em relação ao espaço geográfico.

Além disso, o ensino da Geografia torna-se dinâmico e transformador, quando o professor integra conhecimentos de diversas áreas, pois ela é uma disciplina de caráter interdisciplinar, o saber geográfico proporciona um vasto conjunto de elementos significativos da sociedade e da cultura. Logo, permite ao educando obter “[...] uma visão menos fragmentada da realidade, para compreender como o espaço é produzido pela sociedade e nele atuar de modo consciente e crítico” (CAMPOS, 2010, p. 9).

Segundo Saviani (2003), assim como a democracia é um valor básico e valioso, exercido pelas pessoas, a educação também deve ser encarada como tal, visto que é a preparação para o exercício dela, tendo em vista ser um processo vital na formação do ser humano e que precisa integrar todos os indivíduos, reforçando os laços sociais. Porém, para que ela possibilite a formação de alunos críticos e participativos, é necessário que haja durante o processo de ensino-aprendizagem, o frequente debate entre professor e aluno, ou seja, a prática de uma pedagogia que estimule a reflexão contínua para que os conteúdos trabalhados sejam compreendidos de forma significativa (cf. BRANDÃO, 2003).

Outrossim, para que ocorra um processo de ensino-aprendizagem significativo é necessária a participação tanto dos docentes quanto dos discentes, compartilhando saberes e realizando a autocrítica, ações que possibilitam a construção de conhecimentos e o desenvolvimento do raciocínio intelectual. Uma estratégia pedagógica interdisciplinar e que promove a articulação entre a teoria e a prática, é a aula de campo, a qual, por meio de estudo de Oliveira e Assis (2009) é

compreendida como

[...] uma atividade extra sala/extra escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende a elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido (OLIVEIRA; ASSIS, 2009, p. 192).

Por outro lado, de acordo com Passini (2007), a aula de campo pode ser realizada em qualquer lugar, desde que mantenha como método seu caráter ativo e interativo. Não há um espaço específico, podendo ser desenvolvido na rua da escola, em bairros próximos do colégio, em municípios vizinhos, indústrias e até parques florestais. Para o autor não há empecilhos para uma aula de campo, e a própria escola ou em torno dela pode servir para desenvolver e realizar esta prática. Enfim,

[...] independentemente de onde seja, o movimento realizado por professores e alunos durante a aula de campo precisa dançar no ritmo da relação de saberes problematizados na escola (livros didáticos, trabalho de campo, experiências, etc.) e agora movimentados na realidade 'viva' [...] (OLIVEIRA; ASSIS, 2009, p. 199).

De acordo com Lima e Assis (2005), "o trabalho de campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido" (LIMA; ASSIS, 2005, p. 112). Esse contato com a realidade contribui no processo de ensino-aprendizagem de conhecimentos da Geografia, visto que esta estratégia permite trabalhar conceitos-chave da Geografia: Espaço Geográfico, Território, Paisagem, Região e Lugar, como categorias imprescindíveis para a explicação e a compreensão da Ciência Geográfica, ajudando o educando na observação da natureza dos lugares e do mundo.

Para o professor em formação de Geografia, as aulas de campo são muito importantes, já que apresentam infinitas possibilidades de pesquisa, investigação e interiorização do conhecimento. A esse respeito, por intermédio de Hissa e Oliveira (2004), verifica-se que estas práticas fortalecem o desenvolvimento da pesquisa, porque a observação e a descrição são elementos essenciais para a formação e o aperfeiçoamento do pesquisador. Além disso, é na Ciência Geográfica que aspectos físicos e humanos se tornam objetos de estudo.

A Geografia é uma ciência interdisciplinar que em outras áreas científicas busca elementos para melhor entender e explicar os fenômenos por ela estudados. É indispensável uma prática de ensino-aprendizagem de Geografia interdisciplinar, como a aula de campo. Com relação a interdisciplinaridade, Lück (1994) define que

[...] o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação de disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global do mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual (LÜCK, 1994, p. 64).

Destarte, as aulas de campo podem ser utilizadas em todas as disciplinas e a interdisciplinaridade possibilita uma visão mais ampla do aluno quanto ao meio socioambiental, tendo em vista, as relações de conhecimentos serem fundamentais para uma leitura mais plural. Ainda, segundo Figueiredo (2011), a Geografia Escolar é a disciplina mais capacitada para o desenvolvimento de tal prática, pois tem como objeto de estudo, a própria sociedade e sua relação com o meio na qual estão inseridos.

Percebemos, a partir de Sousa e Pinho (2017), que a interdisciplinaridade aplicada em sala de aula, configura-se como uma excelente oportunidade do educador desenvolver um ensino-aprendizagem significativo e articulado com outras áreas de conhecimento, de modo que, o educando consegue facilmente relacionar os saberes sistemáticos compartilhados com suas experiências pessoais.

Outrossim, Balzan (1969) afirma que estudar o meio não consiste apenas em apreciar a natureza, mas também, trazer a realidade para dentro de si ao desvendar suas nuances e essências. Em uma palavra: inserir-se. Outro aspecto importante, quanto ao estudo do meio como metodologia para a aula de campo, é que o estudo do meio consiste num método ativo e interativo, cujo objetivo é mobilizar, em primeiro lugar, as sensações e percepções dos alunos no processo de conhecimento para, em seguida, proceder-se à elaboração conceitual.

Barros Júnior (2010) defende a ideia de que o estudo do meio consiste no contato direto do educando com seu meio imediato, exercitando a intuição através do trabalho de campo e excursões.

Ao considerarmos o espaço geográfico como fruto de uma totalidade resultante das interações entre a sociedade e a natureza, obviamente que a sua compreensão deve ser de modo articulado, numa perspectiva transversal e interdisciplinar. É por esta razão, que o estudo do meio se torna um procedimento de grande relevância, podendo se adequar a qualquer nível ou modalidade de ensino para viabilizar a problematização, o enfrentamento de desafios e o desenvolvimento de múltiplas inteligências (BARROS JÚNIOR, 2010, p. 1).

Dessa forma, as atividades de campo são indispensáveis, apesar de poderem ser realizadas no próprio ambiente escolar, levando-se em consideração a sociedade que nela se reflete e direciona-se no sentido da transformação social. Nesse sentido,

na perspectiva de Feltran e Feltran Filho (1991), não existe a distância entre indivíduo (aluno) e meio (sociedade ou grupos socioculturais), o valor do estudo do meio está na aproximação que viagens e excursões proporcionam aos alunos e professores de várias áreas.

Embora esse resultado deva ocorrer, e é oportuno que ocorra, esse procedimento não deve ser utilizado de maneira paralela ao trabalho da escola como um todo. Assim, é fundamental que previamente, seja feito todo o processo de planejamento.

Salientamos, ainda, que o professor tem uma importante missão nas aulas de campo, porque além de planejar as atividades, é o mediador entre os conhecimentos existentes nos ambientes visitados e os alunos, possibilitando de forma clara e objetiva a apreensão do saber. Conforme Oliveira e Correia (2013), essa condução possibilita aos educandos observações próprias, exercendo o perfil investigador. Nesse sentido, os alunos desenvolvem os sentidos para conhecerem o objeto estudado e constroem um arcabouço que lhes permite a descrição, a análise e a crítica, elementos que são essenciais ao estudo da Geografia.

Com respeito ao educando, ele tem que ser o autor do seu próprio conhecimento e, a partir dos conteúdos lecionados em sala de aula e as orientações do professor, deve organizar as informações de acordo com a importância e a assimilação que fez de forma presencial. Indubitavelmente, isso será possível, se ele despertar o interesse em relação ao meio estudado e exercer o papel de protagonista de suas aprendizagens.

Agora, quanto às etapas da aula de campo, primeiro, deve começar com a etapa do planejamento, na qual, há a definição do que se pretende pesquisar ou alcançar com a aplicação desta metodologia. Segundo Falcão e Pereira (2005), planejar evita que a aula seja um simples passeio, é nesta etapa que os objetivos traçados poderão ser realmente alcançados durante a saída da escola. Os passos do planejamento são iniciados, a partir de um plano de aula de campo, que irá orientar a equipe sobre as etapas que devem ser cumpridas ao longo da atividade, esta etapa é essencial, visto que traz valor e objetivo ao que se deseja alcançar com a aula de campo.

A visita *in loco* vem em seguida, sendo fundamental a organização e o plano de aula, o que inclui desenvolvimento do roteiro, horários e lugares para refeições e descanso, e contratação, dependendo do caso, de um guia para orientação em relação ao roteiro escolhido, entre outros. De acordo com Barros Júnior (2010), a visita prévia à localidade, para a realização da aula de campo é indispensável na sua organização, tendo em vista que evita frustrações e fuga dos objetivos pretendidos.

Definidos percurso, duração, locais a serem visitados, temas abordados, e a

preparação da saída (que também deve estabelecer normas de conduta-respeito ao próximo, às diferenças, aos posicionamentos e ao modo de falar), é importante serem esclarecidos, e explicados a escolha das vestimentas, a segurança, a proteção dos alunos, o comportamento em relação ao lixo produzido pelo grupo, e o trato com pessoas que prestarão serviços para o grupo. Portanto, tudo deve ser informado e estabelecido.

Em seguida, quanto à etapa da entrevista que será realizada *in loco*, haverá a presença da pesquisa qualitativa no estudo de um fenômeno social, ou seja, as perguntas básicas, apoiadas em teorias e hipóteses que interessam às pesquisas serão desenvolvidas por meio de perguntas aos entrevistados. Nesse momento, as informações obtidas deverão ser registradas para uma posterior análise do pesquisador.

Na etapa da observação, o pesquisador não irá "olhar", mas prestar atenção aos detalhes, características do elemento a ser investigado. Ao mesmo tempo, a utilização dessa técnica inclui anotações, e registros, pois as anotações de campo são todos os processos de coletas e análises das informações. Contudo, as observações não são buscas ocasionais, mas uma atividade a ser posta a serviço de um objeto de estudo, de uma questão ou de uma hipótese claramente definidas e fundamentadas. Zanelli (2002), afirma que um pesquisador envolvido com a investigação está diretamente atento aos detalhes na etapa da observação. Desse modo, ele apenas irá compreender o ambiente estudado e relacionar-se caso esteja prestando atenção ao seu objeto de estudo.

Como supracitado, a escolha de um procedimento de ensino-aprendizagem é importante, visto que contribui para uma formação livre e não dominante. Esse tipo de condução na forma de ensinar ajuda na construção de um cidadão consciente. Como mencionado por Freire (2003), não é para transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a produção e construção dele.

Desse modo, como tentativa de compreender melhor a importância da aplicabilidade desta estratégia de ensino-aprendizagem interdisciplinar no ambiente escolar, e especificamente, no curso de Licenciatura em Geografia, pensamos em um percurso metodológico que auxiliasse no desenvolvimento desta pesquisa, o qual é apresentado no capítulo a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHOS DO ESTUDO

Com o intuito de alcançar-se os objetivos de pesquisa supracitados, adotamos como metodologia, inicialmente, a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, buscando o embasamento teórico em estudos de autores que debatem sobre ensino-

aprendizagem, interdisciplinaridade e aula de campo (cf. FREIRE, 2003; SACRISTÀN; GOMEZ, 1998; SAVIANI, 2003; ZANELLI, 2002).

Para Gil (2018), a pesquisa bibliográfica é definida como o tipo de investigação elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet, entre outros. No entanto, o pesquisador deve observar criteriosamente os materiais utilizados em uma investigação bibliográfica, atentando para as condições de coleta e análise dos dados e possíveis incoerências ou contradições dos estudos utilizados.

Ademais, os estudos bibliográficos encontrados foram analisados por meio da abordagem qualitativa, a qual, segundo Minayo (2014) é o método que melhor se aplica ao estudo da Geografia, da História, da Filosofia, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Esse método de abordagem científico, de acordo com a autora,

[...] tem fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação (MINAYO, 2014, p. 57).

10

Valemo-nos, ainda, da metodologia da observação participante, a qual nos permitiu verificar, durante a aula de campo realizada em 2018 com educadores e educandos do curso de Licenciatura em Geografia do IFRN campus Natal-Central, a realidade social e educacional de professores e estudantes da Comunidade Quilombola de Capoeiras dos Negros no Rio Grande do Norte.

A observação participante consiste em além de analisar o objeto de estudo, mas interferir quando possível, interagir, tornar-se participante do processo de estudo e pesquisa.

Define-se observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (MINAYO, 2014, p. 70).

Assim, de acordo com a autora, a partir do convívio prático o observador vai obtendo suas informações sem prender-se a uma estrutura padronizada, mas

interagindo com o meio social. Isso significa colocar-se no lugar do outro articulando teoria e prática. Logo, a observação participante é interativa e dinâmica. Por outro lado, para que isso ocorra de forma eficaz cabe ao observador preparo prévio quanto a atenção, sensibilidade, paciência e disciplina.

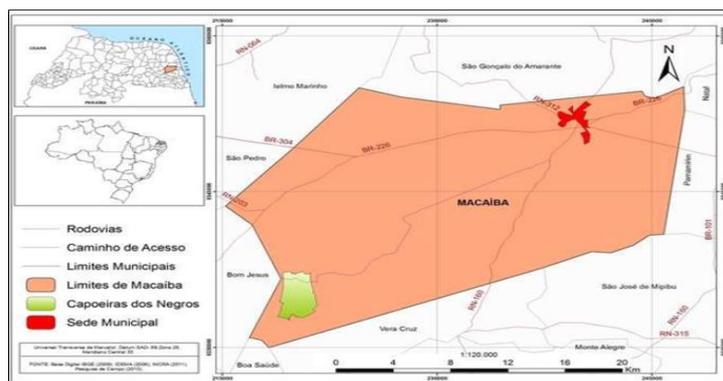
Nesse sentido, visitamos a comunidade Quilombola Capoeiras dos Negros - RN, e na oportunidade, conversamos com a gestora da Escola Municipal Santa Luzia, na qual, realizamos uma intervenção com os educandos do Ensino Fundamental I, como será descrito no próximo tópico deste artigo científico.

UMA AULA DE CAMPO INTERDISCIPLINAR EM CAPOEIRA DOS NEGROS - RN

Uma aula de campo interdisciplinar ocorreu no semestre letivo 2018.1, por meio da segunda edição do projeto chamado, "Seminário Desvendando os Territórios Rurais: espaços de resistência no RN". Esse projeto é fruto da parceria de duas professoras do corpo docente da Licenciatura em Geografia do IFRN (CNAT), e que lecionaram as disciplinas de Geografia Agrária e Geografia Política. O objetivo do projeto, que ocorria no 5º período do curso, era apresentar e compartilhar ao final do semestre letivo, as experiências vivenciadas através das aulas de campo.

Visitamos, no início de maio de 2018, a Comunidade Quilombola Capoeiras dos Negros (RN), que se situa em uma área rural do município de Macaíba (RN), apesar de estar menos de 7 km do município de Bom Jesus (RN). A comunidade está localizada a 32,6 km da cidade de Macaíba (RN) e a 65 km de distância da capital do Rio Grande do Norte, Natal (MILLER, 2017). Seu acesso dá-se pela BR 101 e pela BR 226. Quanto à Macaíba, limita-se ao Norte com os municípios de São Gonçalo do Amarante e Ielmo Marinho; ao Sul, com os municípios de Vera Cruz, de Boa Saúde e de São José de Mipibu; a Leste, com os municípios de Natal e de Parnamirim; e, a Oeste, com o de São Pedro, de Bom Jesus e de Ielmo Marinho, conforme a Figura 1.

Figura 1: Localização da Comunidade de Capoeiras dos Negros (RN).



Fonte: Miller (2017, p. 34).

Segundo Miller (2017), a Comunidade abrange uma área total de 884,993 h.a., dividida para 325 famílias habitantes com uma população de aproximadamente 1200 pessoas. Somente no ano de 2007, a área foi reconhecida como Comunidade autodeclarada quilombola, com a emissão do título em 2013, através de processos que não foram fáceis e que exigiu a luta e a persistência, em prol do reconhecimento como uma comunidade remanescente de quilombos do Rio Grande do Norte.

Na Comunidade de Capoeiras, as principais atividades de subsistência provêm do cultivo, do consumo e da venda da mandioca, assim como do caju e da venda das castanhas durante os meses de dezembro a fevereiro. Além disso, a produção agrícola é para consumo próprio, mas o excedente acaba sendo vendido na feira de Bom Jesus (RN), ao passo que a indústria de aproveitamento está fechada por motivos desconhecidos. Ainda segundo Miller (2017), outras fontes de renda são oriundas da produção de tijolos, e em alguns poucos casos, de pensões e aposentadorias. Também, constatamos que na Comunidade há luz elétrica, água encanada, internet e uma Escola Municipal, Santa Luzia, que atende aos alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I.

Assim que chegamos na escola, fomos recebidos pela diretora, que nos encaminhou para uma sala de aula, na qual teríamos o primeiro contato com os alunos. Em seguida, realizamos uma intervenção com o teatro de fantoches e com uma atividade cartográfica, o croqui. O intuito da história dos fantoches e do croqui foi de trabalhar de forma lúdica os conceitos de Lugar e Paisagem. Na Figura 2, apresentamos o momento de ludicidade realizado com os estudantes da Escola Municipal.

Figura 2: Alunos do Ensino Fundamental I recebendo a proposta de atividade croqui.



Fonte: Acervo do autor (DANTAS, 2018).

Os alunos estavam empolgados e atentos às orientações que eram dadas pelos professores e pela equipe escolar. Na Figura 3, é possível observá-los realizando a atividade proposta e recebendo o apoio dos educadores.

Figura 3: Alunos do Ensino Fundamental I realizando a atividade Croqui.



Fonte: Acervo do autor. (DANTAS, 2018).

A atividade lúdica promoveu a curiosidade, a criatividade e a socialização dos estudantes, visto que, durante a tarefas eles se ajudavam, compartilhavam estratégias, e conseqüentemente, interiorizaram os conhecimentos. Acreditamos que essa intervenção pedagógica colaborou para a aprendizagem dos alunos, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo.

Segundo Garcia (2011), a intervenção pedagógica é uma interferência sobre o processo de desenvolvimento ou aprendizagem do sujeito. A finalidade de intervir tem por objetivo não apenas de solucionar questões de convivência entre os alunos na escola, mas, no processo de desenvolvimento da aprendizagem, organizá-lo. Esse procedimento atua no processo, com o objetivo de compreendê-lo, explicitá-lo ou

corrigi-lo.

Desse modo, nossa intervenção buscou utilizar do teatro de fantoches e da aplicação de uma atividade cartográfica, o croqui, para explicar o conceito de Lugar e Paisagem. O teatro de fantoches na educação é um estímulo ao desenvolvimento intelectual do aluno, por meio do lúdico, mãos manipulam os bonecos e histórias são contadas, potencializando a criatividade e a imaginação.

O teatro, no ensino fundamental, proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança e do adolescente sob vários aspectos. No plano individual, proporciona o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas; no plano coletivo, por ser uma atividade grupal, oferece o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia, como resultado de poder agir e pensar com maior "liberdade" (CAMARGO, 2003, p. 39).

Assim, como explicado pelo autor, o teatro é uma atividade artística que não apenas contribui para o desenvolvimento social, emocional do aluno, mas também intelectual. A partir da diversão educativa, pode-se trabalhar conceitos e temas de uma forma descontraída, permitindo a reflexão e compreensão.

Com relação ao croqui, é uma representação cartográfica, ou seja, serve para representar de forma gráfica. De acordo com estudos de Biaggi (1996), verificamos que

[...] o croqui em Geografia aparece vinculado a um tipo de trabalho que se constrói paulatinamente enquanto o discurso gráfico, como uma ocasião de ensaios ou mesmo síntese momentânea do estado de uma reflexão. Sempre fazendo referência a um certo tema e sem a preocupação de exclusividade da informação, o croqui revela-se como uma primeira tentativa de compreender uma realidade em construção de forma simples e arrojada (BIAGGI, 1996, p. 18).

Então, como mencionado pelo autor, o croqui é uma representação sobre determinado tema e que não há a necessidade de elaboração detalhada e exigente. É uma atividade simples e objetiva de forma, porém, sem pressa. Trabalha a criatividade, estimula a imaginação do aluno.

Portanto, por meio do teatro, discutimos o conceito de lugar; e o croqui, por meio do estímulo à imaginação, a representação espacial transportada em um papel, trabalhando o conceito de paisagem. Em seguida, após a realização das atividades geográficas com os alunos do Ensino Fundamental I, tivemos a oportunidade de conversar com a Diretora da Escola Municipal Santa Luzia.

A gestora prontificou-se de forma espontânea a nos explicar sobre alguns aspectos da comunidade quilombola, quanto à titulação, divisão da terra,

representação política, agricultura, as questões socioambientais, o incentivo para as plantações pelo município e crédito agrícola, saúde, coleta de lixo, educação, a questão de identidade quilombola e o racismo sofrido pela comunidade, além de esclarecer a origem do nome e a principal religião praticada.

Portanto, a partir dos conhecimentos estudados em sala e da experiência vivenciada em uma Comunidade Quilombola Rural pudemos compreender melhor os conceitos de Espaço Agrário, Território e Quilombo. O Espaço Agrário não se refere apenas às atividades rurais, ele é um "conjunto de fixos e fluxos". Entende-se por elementos fixos, edificações, viadutos, estradas, entre outros, já os fluxos são os movimentos, as correntes e o tráfego resultante das ações (SANTOS, 2008).

Também, é importante destacar que gestora da Escola Municipal Santa Luzia explicou que os quilombos eram os lugares de resistência da população negra ao regime de escravidão atuante no país, como também, contra à discriminação racial e ao preconceito. Então, além de sinônimo de luta contra o sistema, o Quilombo era também a proteção, o abrigo, visto que muitos negros encontraram no quilombo sua casa.

Diante desses fatos históricos envolvendo a população negra, no decorrer dos anos passou a haver avanços quanto ao reconhecimento dos territórios quilombolas no Brasil. Em 1988, com a Constituição Brasileira, estabeleceu-se, por meio do artigo 216, que todos os documentos e os sítios detentores de domínio histórico dos antigos quilombos ficariam registrados e que suas propriedades estariam garantidas. Já o artigo 68 garantiu reconhecimento da propriedade definitiva aos remanescentes das comunidades quilombolas que estavam ocupando suas terras. Além disso, caberia ao Estado o dever de emitir seus títulos (BRASIL, 1988).

Também entendemos que outro marco na conquista dos direitos dos quilombolas no Brasil foi em 2003 por meio do Decreto n. 4.887. O Decreto definiu onde seriam as identificações, demarcações e titulações das terras dos remanescentes quilombolas. Determinou, ainda, que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) seria responsável pela regulamentação de todos os processos de identificação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos quilombolas (BRASIL, 2003).

Então, a aula de campo realizada sob abordagem interdisciplinar à Comunidade de Capoeiras dos Negros (RN) ajudou-nos a estabelecer a relação teoria e prática. A análise do Espaço Agrário e o estudo quanto ao território Quilombola nos fez entender o sentimento de pertencimento ao quilombo, as disputas por terra e a representatividade da população negra, sua identidade.

Posteriormente, tivemos a oportunidade de colocarmos em prática a produção acadêmica por meio de resumos e seminários, que serviram como critérios definidos

pelas professoras encarregadas das aulas de campo, para a obtenção da nota final do bimestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, compreendemos que a aula de campo como estratégia de ensino-aprendizagem interdisciplinar, auxilia o professor em seu fazer didático, além disso, possibilita ao aluno uma rica experiência de aprendizagem por meio da interação com a realidade, ajudando-o na construção do conhecimento por unir a teoria e a prática. Ademais, quando bem planejada e utilizada no ensino da Geografia, a aula de campo colabora no desenvolvimento da criticidade e da curiosidade e contribui para a melhor compreensão da relação do homem e do espaço geográfico.

Outrossim, as aulas de campo interdisciplinares contribuem para a compreensão de conceitos estudados em sala de aula e suplementam a formação do graduando no curso de Licenciatura em Geografia. Aliás, um processo de ensino-aprendizagem de Geografia jamais pode ser analisado e estudado de forma isolada, mas contextualizado com a realidade, principalmente, do aluno. A Geografia é uma disciplina que abrange várias áreas do conhecimento, as relacionadas às Ciências Humanas, na qual tem como um dos seus objetos de estudo o homem em suas relações com o espaço geográfico. Dessa forma a aula de campo será aplicada no ensino superior de Geografia de forma a propiciar uma prática pedagógica mais interativa, que promova uma inserção com o meio socioambiental.

Nesse contexto, a partir da observação participante *in loco* realizada por meio da aula de campo sob uma perspectiva interdisciplinar à Comunidade Quilombola de Capoeiras dos Negros (RN), refletimos e apreendemos saberes introduzidos em sala de aula, os quais foram aprofundados por meio da aula de campo.

Além do mais, foi possível ampliar o conhecimento sobre a identidade quilombola dos integrantes da comunidade, fruto das tradições passadas por meio de gerações que habitaram aquele território e do núcleo familiar presente em Capoeira dos Negros (RN) que nutre o amor pelo lugar. Dessa forma, toda identidade resulta em uma territorialização, assim como a territorialização está relacionada a permanência identitária, espaço de ideias, sentimentos e emoções dos sujeitos. Um centro de significações percebidas ou sentidas.

Outro entendimento esclarecido foi quanto ao espaço agrário, o qual envolve um conjunto de acontecimentos e segmentos no meio rural. É a união e interação da ação e objeto, principalmente as transformações ocorridas nas relações sociais e trabalhistas. Então, o espaço agrário não significa apenas às atividades rurais que naquele lugar são praticadas. Assim, quando a Comunidade lutava em prol do

reconhecimento e pelo registro da terra, estava em busca do usufruto, benefícios da terra, um espaço de vida.

Portanto, a aula de campo como procedimento de ensino-aprendizagem interdisciplinar mudou nossa percepção de mundo a partir dos conteúdos debatidos em sala e vivenciados *in loco*. Nesse sentido, acreditamos que analisar a prática desta estratégia pedagógica no processo formativo do graduando do curso de Licenciatura em Geografia, a partir do relato de experiência vivenciada no 5º período do curso, ajudou a melhor compreender que a sua aplicabilidade motiva o estudante a manter o interesse pelos estudos, a comprometer-se com as atividades e produções acadêmicas por tratar-se de uma condução de ensino-aprendizagem interativa entre professor, aluno e o meio socioambiental.

Por fim, constatamos que a aula de campo contribui significativamente para uma melhor apreensão de conceitos geográficos, por intermédio da articulação entre teoria e prática. Além disso, trabalhada sob perspectiva interdisciplinar proporciona o entendimento complementar e que relaciona diferentes áreas do conhecimento, fatores estes, que são essenciais para a formação do graduando em Geografia, visto que amplia sua visão e compreensão de mundo.

REFERÊNCIAS

BALZAN, N. C. Estudo do meio. In: CASTRO, A. D. *et al.* **Didática na escola média**: teoria e prática. São Paulo: Edibell, 1969. p. 99-107.

BARROS JÚNIOR, N. F. O estudo do meio como caminho afirmativo para a prática pedagógica: uma experiência no ensino médio da escola Estadual Frei Otto – Ipojuca/PE. ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16, Porto Alegre. In: **Anais....** Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 1-11.

BIAGGI, E. M. **Cartografia e Grande Imprensa**: análise das representações do Leste Europeu-1992. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1996.

BORDENAVE, J.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 10 out 2020.

BRASIL. **Lei n. 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acesso em

CAMARGO, M. A. S. **Teatro na escola**: a linguagem da inclusão. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2003.

CAMPOS, A. C. **Metodologia do ensino de geografia**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010.

FALCÃO, W.; PEREIRA, W. A aula de campo na formação crítico/cidadão do aluno: uma alternativa para o ensino de Geografia. ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 15, Porto Alegre. In: **Anais....** Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 1-13.

FELTRAN, R. C. S; FELTRAN FILHO, A. Estudo do meio. In: Veiga, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papirus, 1991. p. 115-130.

FIGUEIREDO, P. H. O. **O trabalho de campo na geografia escolar como estratégia para a percepção da dimensão socioespacial do real**. Goiânia: Centro Universitário UNA, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GARCIA, J. Um estudo sobre o conceito de intervenção disciplinar. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, Cachoeira do Sul, 2011. In: **Anais....** Cachoeira do Sul: Ulbra, 2011. p. 1-9.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

HISSA, C. E. V.; OLIVEIRA, J. R. de. O trabalho de campo: reflexões sobre a tradição geográfica. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, n. 24, p. 31-41, dez 2004.

LIMA, V. B.; ASSIS, L. F. de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 6/7, n. 1, p. 1-14, 2004/2005.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MILLER, F. **Quilombolas de Capoeiras: resistência, território e identidade**. Natal (RN): EDUFRRN, 2017.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, A. P. L. de; CORREIA, M. D. Aula de Campo como Mecanismo Facilitador do Ensino Aprendizagem sobre os Ecossistemas Recifais em Alagoas. **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Maceió, v. 6, n. 2, p. 163-190, jun 2013.

OLIVEIRA, C. D. M.; ASSIS, R. J. S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 195-209, jan/abr 2009.

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PENTEADO, H. D. **Metodologia do ensino de história e geografia**. São Paulo: Cortez, 2010.

SACRISTÁN, J. G.; GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São

Paulo: Editora da USP, 2008.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUSA, J. G.; PINHO, M. J. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade como fundamentos na ação pedagógica: aproximações teórico-conceituais. **Revista Signos**, Lajeado, ano 38, n. 2, p. 93-110, 2017.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. especial, p. 79-88, 2002.